

Regina Lúcia Portela*

Erika Silva Chaves**

Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira***

Era Uma Vez, Outra Vez

A recontação dos contos de fadas sob o olhar de crianças de uma turma do ensino fundamental, anos iniciais

Once Upon a Time, Again

The retelling of fairy tales through the eyes of children in an elementary school class, early years

RESUMO

Este estudo objetivou evidenciar o potencial pedagógico da dramatização na recontação de contos de fadas por crianças de seis anos. Realizado numa escola municipal de Milagres, Bahia, adotou-se uma metodologia qualitativa para investigar como essa prática contribui para o desenvolvimento cognitivo e criativo infantil, promovendo a expressão individual e coletiva no ambiente educacional. Utilizou-se uma 'caixa de faz de contos' como recurso didático, permitindo que as crianças escolhessem, recriassem e dramatizassem os contos, interagindo com as perspectivas de seus pares. Concluiu-se que a dramatização facilita a transdução de narrativas em performances expressivas, gerando interpretações variadas e enriquecendo a compreensão da realidade pelas crianças, ao mesmo tempo em que estimula a criatividade e a aquisição de novos conhecimentos de maneira lúdica.

Palavras-chave: Contos de fadas, Recontação, Criatividade, Transdução, Dramatização.

ABSTRACT

This study aimed to highlight the pedagogical potential of dramatization in the retelling of fairy tales by six-year-old children. Carried out in a municipal school in Milagres, Bahia, a qualitative methodology was adopted to investigate how this practice contributes to children's cognitive and creative development, promoting individual and collective expression in the educational environment. A 'storytelling box' was used as a teaching resource, allowing children to choose, recreate and dramatize the stories, interacting with the perspectives of their peers. It was concluded that dramatization facilitates the transduction of narratives into expressive performances, generating varied interpretations and enriching children's understanding of reality, at the same time that it stimulates creativity and the acquisition of new knowledge in a playful way.

Keywords: Fairy tales, Retelling, Creativity, Transduction, Dramatization.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas desempenham um papel fundamental na construção do imaginário infantil. Responsáveis por transmitir valores culturais e morais, essas narrativas, são ricas em simbolismos que possibilitam refletir sobre as dinâmicas sociais em acordo com cada época, funcionando não apenas como entretenimento, mas principalmente, como veículo pedagógico pelo qual as crianças aprendem a conviver e se relacionar com o mundo ao seu redor. Além disso, a estrutura simbólica dos contos permite que as crianças desenvolvam a imaginação contribuindo para uma maior capacidade de abstração, características fundamentais para a formação do pensamento crítico, assim como também na capacidade de resolução de problemas no mundo real.

Autores como Bettelheim (2002) e Abramovich (2006), ressaltam a relevância dessas narrativas na educação infantil como um potente facilitador de aprendizagens pois,

É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (Abramovich, 2006, p.17)

Utilizar o conto de fadas como veículo de aprendizagens no contexto escolar é fugir da “cara de aula” conforme nos diz Abramovich (2006), é propiciar momentos de fluidez em que os sentimentos afloram despertando sensações, pois ao viabilizar atividades lúdicas é possível estabelecer a conexão entre o mundo interno e a realidade externa da criança, criando uma ponte que permite que elas possam equilibrar o princípio do prazer com o princípio da realidade e seus limites.

A prática do reconto oral não apenas estimula a imaginação, mas também promove habilidades linguísticas essenciais. Através da comunicação,

articulação de ideias e expressão do pensamento, a criança constrói um vocabulário mais rico e desenvolve frases mais elaboradas.

A dramatização evidencia-se como uma prática significativa que engaja as crianças ativamente com os conteúdos. O uso de gestos e expressões para complementar as narrativas orais, não só enriquece a experiência de aprendizagem, como também fortalece a compreensão e a memorização do conhecimento, promovendo o desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação, fundamentais para o crescimento integral dos alunos que promove um ensino interativo e dinâmico. (Santos, 2013)

A metodologia adotada é de natureza qualitativa que envolveu a seleção de uma amostra de crianças de seis anos de idade de uma turma do ensino fundamental, anos iniciais, na escola municipal de Milagres em que foram convidadas a recontar os contos de fadas de forma criativa com liberdade para ampliar e modificar os contos conforme seu próprio entendimento, explorou-se a criatividade na recontação dos contos de fadas, para tanto foi criada uma “caixa de faz de contos”, na qual as crianças puderam escolher e reelaborar as histórias com base em suas perspectivas pessoais, interagindo com o ponto de vista de outras crianças. A pesquisa buscou valorizar a compreensão contextual e subjetiva das crianças tanto no desenvolvimento cognitivo na aquisição da linguagem oral, quanto na interação social, assim como na definição de normas e limites nas relações interpessoais.

SE APRENDE CONTAR CONTANDO

A recontação de histórias, enquanto uma prática pedagógica, permite à criança exteriorizar suas ideias de forma pessoal, contribuindo para o desenvolvimento de competências orais. Pois ao narrar uma história, a criança compreende que muitas das situações descritas na história não pertencem ao mundo concreto, no entanto, ela as relata como se estivesse vivenciando-as na realidade. A estrutura simbólica dos contos facilita que as crianças explorem a

imaginação com mais liberdade aguçando a sua capacidade de abstração, elementos fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico. Nesse contexto, quanto mais familiarizada a criança estiver com os elementos de uma história específica, mais à vontade estará para reestruturá-la ampliando o seu repertório.

Cabe à professora proporcionar situações e contextos em que a criatividade possa ser vivenciada. Entendemos que a criatividade está diretamente relacionada com a imaginação, capacidade que toda pessoa tem de extrapolar, de transcender o imediatamente sensível e de projetar o seu próprio trabalho. Aliás, ao possibilitar seus alunos a cruzar as fronteiras do real e do imaginário, a professora pode, em sua prática pedagógica, investir nos processos criativos que conduzem à interrogação na análise da realidade, criando situações que leve a uma maior compreensão da criança sobre o seu contexto. É nesse espaço que a criança aprende a ver além do tangível, a questionar e a construir sua própria compreensão do mundo. Essa jornada pelo imaginário é um prelúdio perfeito para o conceito de transdução de Simondon (2020), que nos leva ao coração da individuação.

Por transdução, entendemos uma operação - física, biológica, mental, social - pela qual uma atividade se propaga de próximo em próximo no interior de um domínio. A transdução funda essa propagação sobre uma estruturação do domínio operada de lugar em lugar: cada região de estrutura constituída serve de princípio de constituição para a região seguinte, de modo que uma modificação se estende assim progressivamente, ao mesmo tempo que essa operação estruturante. (SIMONDON, 2020, p. 29)

O autor acima citado, descreve a transdução como o processo de formar uma nova realidade a partir do indefinido. Ele se inspira em fenômenos físicos, cibernéticos e termodinâmicos, como cristalização e magnetização, onde a transformação ocorre sem perda de informação. Essa ideia é a base de sua teoria da individuação, que rejeita visões substancialistas e dualistas, propondo que a individuação é uma sequência de mudanças coerentes e conectadas,

onde cada etapa prepara a próxima. Segundo ele, o indivíduo emerge de operações que interligam diferentes níveis da realidade.

Sob a perspectiva da transdução, a criatividade emerge da interação entre o mundo interno do sujeito em contato com o mundo externo, sendo mediada e enriquecida pelas experiências e aprendizados dos sujeitos nos seus mais diversos trajetos. Uma criança, ao recontar uma história, transduz em oralidade suas experiências sensoriais que produz novos conhecimentos, sob essa dinâmica a expressão criativa potencializa novas descobertas e aprendizagens, no processo de desenvolvimento das competências cognitivas da criança.

Entendemos que a transdução de narrativas ocorre no processo criativo de deslocar informações e elementos de uma narrativa para outro formato, a fim de explorar diferentes possibilidades de análise e compreensão dos mesmos conteúdos. Nesse sentido, a transdução configura-se como um percurso facilitador de compreender e comunicar as realidades.

Com efeito, é relevante ressaltar que, no contexto das séries iniciais, as atividades artísticas assumem um papel fundamental ao trabalho pedagógico com as crianças, pois confere a oportunidade de lidar com regras, fomentar o espírito colaborativo e estimular o desenvolvimento criativo no processo de aprendizagem

A partir desse estudo pudemos observar que durante as ações lúdicas na escola é possível criar um processo de ensino e aprendizagem voltado para construção cognitiva, afetiva e social favorável à socialização e melhor convivência coletiva e consigo mesmo. Assim, a criança vai conhecendo aos poucos o universo do saber, criando e recriando seu mundo sob a orientação da professora para melhor desenvolvimento de habilidades como a leitura, a escrita e tantas outras não menos importantes.

QUANDO O PALCO É O CONTO A CRIANÇA FAZ ARTE

A porta da sala se abriu, risos, cochichos e rostinhos alegres. A professora percebeu o brilho de curiosidade no olhar de cada criança e pensou que,

[...] a curiosidade ingênua, têm um saber indiscutível, não importa o método utilizado, e também não importa o rigor, o que vale no processo, é o saber através da experiência feita. (Freire, p.31. 2020)

Assim começava a novidade trazida pela professora materializada numa caixa. Antes de tudo, cabe ressaltar que a experiência não buscava um rigor na sua consecução pedagógica na perspectiva de um conteúdo fechado, senão a intencionalidade de permitir a criança a liberdade criativa que envolvia o pensar e o sentir durante o percurso da atividade possibilitando a criança se sentir protagonista nesse mundo do faz de conta, na criação do próprio enredo, criadora e intérprete da sua história.



Figura 1: A Caixa de faz de contos.
Fonte: Arquivo pessoal (2020)

[...] *Que caixa é essa pró?*
[...] *Tá cheia de chocolate.*
[...] *O que tá escrito?*

As crianças povoam a sala de aula de indagações. O caminho da conversa a respeito do que vamos trabalhar em aula é um momento muito importante pois estimula a autonomia das crianças em refletir sobre o que estão aprendendo e para que. O planejamento foi desenvolvido pensando inicialmente em estimular as crianças a recontar os contos de fadas, buscando trabalhar o desenvolvimento linguístico com a expressão oral, organização de ideias e construção de narrativas. Pois já estávamos trabalhando com a oralidade, inicialmente contando as histórias, relatando fatos ocorridos por elas em suas casas, registrando essas conversas por meio de desenhos. Músicas, cantigas de roda, versos, parlendas, trava-línguas foram utilizadas para inventar e descobrir palavras que rimam ou que apresentassem sons semelhantes. A roda de conversa e a prática de representar verbalmente por meio do desenho faziam parte da rotina em sala de aula. Tal abordagem visava não apenas estimular a escrita espontânea, mas também revelar que o ato de desenhar está intrinsecamente conectado à própria expressão verbal. No entanto, a possibilidade de dramatizar essas versões, surgiu como uma oportunidade para trabalhar a expressividade corporal em que a criança pudesse representar personagens, gestos, movimentos e emoções.

Desenvolver atividades que envolvam expressões corporais não apenas enriquece o ambiente escolar, mas também estimula competências socioemocionais, promove o desenvolvimento motor e desperta emoções positivas. Ao integrar atividades dramáticas de encenação ao processo educativo, proporcionamos uma aprendizagem mais significativa, prazerosa e eficaz, contribuindo para a formação integral das crianças. (Koudela, 1998)

Apresentamos a nossa caixa de faz de contos e explicamos como seria utilizada. A turma deveria escolher alguns contos de fadas para serem recontados e interpretados por cada uma delas. Dentro da caixa havia vários adereços e figurinos que as crianças poderiam escolher para se caracterizar enquanto estivessem recontando o conto. Uma criança recontava a história, enquanto as outras dramatizavam a cena; quem quisesse acrescentar algo novo

à recontação, levantava a mão, todos congelavam e ela ia até a caixa e trocava de lugar com quem estava recontando para acrescentar a sua versão. Todas as ações foram mediadas pela professora que assumiu o papel de motivar e estimular as crianças, além de organizar as entradas e saídas dos recontadores, diante da euforia das crianças por participar com suas versões da história.

Após muitas idas, vindas e negociações a turma escolheu primeiramente o conto de Chapeuzinho Vermelho. A imaginação ganhou espaço. As crianças iam assumindo diversas personagens ao longo da recontação, cada uma queria acrescentar ou trazer outra novidade a mudança já realizada.

[...] Nunca seguir um caminho mais perto, pode ser mais rápido, mas é perigoso.

[...] Chapeuzinho obedeceu a mãezinha dela, pegou o caminho mais longo.

[...] Mas aí não vai ter o lobo mau...

[...] É melhor assim, a história fica mais alegre, porque ela vai viver, o lobo também vai viver, porque o caçador não vai precisar abrir a barriga do lobo para tirar a Chapeuzinho

[...] Mas o lobo é mau, precisa pagar pela maldade que fez.

[...] Mas se a chapeuzinho vai pelo caminho mais longo, ela se livra do lobo e o final é bom

Ao dramatizar o conto, a criança expande seu repertório corporal ao incorporar movimentos não usuais, como, por exemplo, assumir uma postura corcunda para personificar a avó da Chapeuzinho Vermelho. Nesse processo, a criança traz à cena elementos corporais provenientes de sua vivência familiar ou social, conferindo vida e dinamismo à imagem estática da avó previamente impressa nas páginas do livro.



Figura 2: Apresentação da caixa de faz de contos para as crianças.

Fonte: Arquivo pessoal (2020)

A fala das crianças nos apresentou algumas questões sociais relevantes e que fazem parte de seus cotidianos, expondo seus medos em relação à segurança em situações de perigo. Pois ao "dar vida" aos personagens por meio da dramatização, a criança recorre à fantasia para concretizar em seu corpo e voz sua compreensão da história que está "inventando". Esse processo não apenas facilita a visualização de um mundo abstrato, mas também amplia o caráter interpretativo e estimula a imaginação e a compreensão profunda nas crianças, contribuindo para uma formação mais rica e significativa.

O segundo conto de fadas a ser escolhido foi A Bela Adormecida, porém esse conto não seguiu adiante por conta de algumas indagações das crianças, e que todas as outras concordaram de imediato.

[...] Ah tá... dormir por cem anos? (risos)

[...] Aff, ele teve coragem de beijar a princesa depois de 100 anos dormindo? Que bafo ela tava. (risos)

[...] Acho que ela morreu. Como pode dormir por cem anos?

[...] Acho que ela virou uma múmia. (risos geral)

Por fim, toda turma concordou em não seguir com a história, porque não aceitaram a ideia de uma pessoa dormir por tanto tempo.

Esta interessante dinâmica entre as crianças e o conto de fadas, com suas indagações, demonstra que a plausibilidade do enredo é um reflexo natural fruto da curiosidade, pelo desejo de compreender o mundo ao seu redor. A pergunta sobre dormir por cem anos revela a capacidade das crianças de questionar o inusitado e o improvável, como também o comentário sobre o príncipe beijar a princesa após um século de sono evidencia a sensibilidade das crianças para questões de realismo e coerência. A expressão “Que bafo ela tava” revela o olhar crítico das crianças em relação aos detalhes da história. A construção de sentido coletivo é apresentada com a concordância unânime das crianças em não seguir com a história. A recusa em aceitar a ideia de alguém dormir por tanto tempo reflete a percepção das crianças para valores como a vida ativa, a sociabilidade e a busca por experiências significativas. Essas interações entre as narrativas e as crianças destacam a relevância de considerar suas perspectivas na abordagem pedagógica, visto que, é através do questionamento e da reflexão, que as crianças vão construindo significados e desenvolvendo habilidades para seu crescimento cognitivo e emocional.

O terceiro conto e último foi o da Branca de Neve e os Sete Anões, nesse conto tudo foi modificado conforme a vontade das crianças, esse contexto fantasioso, possibilitou a realização dos sonhos, e até mesmo muitas decisões no quesito do final feliz com um casamento com príncipe encantado, o que não aconteceu. O que nos remete ao fato de que quando estamos imaginando a mente pode nos levar para situações que no mundo real seria impossível, porém nos contos de fadas se concretizaram.

[...] nunca aceitar nada de graça de estranho.

[...] mainha fala pra a gente não aceitar coisas de estranho na rua, e ela já é tão grande e aceitando!

[...] então faz assim, ela não aceita não, e vai na cozinha e pega um balde de água e joga nela, bem na cabeça. (risos)

Quando as crianças estão recontando o conto, estão construindo significados ao adaptar as narrativas a realidade do mundo ao seu redor. Aqui elas reinterpretaram a história, criando um desfecho diferente e mais satisfatório para a personagem. Ao questionarem o fato de Branca de Neve aceitar presente de estranhos (no caso a maçã oferecida pela bruxa) fica evidente o entendimento de mundo em relação ao cumprimento de regras. Na recontação, a Branca de Neve não casa com o príncipe, mas volta para o castelo, destrói a madrasta, se torna rainha e vive feliz. Esse desfecho empodera a personagem, destacando a autonomia e a capacidade de tomar decisões próprias.

A recontação de histórias dramatizadas pelas crianças no contexto escolar é um recurso que transcende a mera recontação de contos de fadas. Ela se torna uma janela para a imaginação, a criatividade e a compreensão profunda das crianças. Pois ao incorporar movimentos, gestos e vozes, as crianças não apenas dão vida aos personagens, mas também reinterpretam os enredos, questionam o inusitado e constroem significados próprios. Nesse cenário, a Chapeuzinho Vermelho assume novas formas, o lobo ganha uma segunda chance e a Bela Adormecida enfrenta a descrença das crianças. Através dessas adaptações, as crianças expressam seus medos, valores e desejos, revelando uma sensibilidade aguçada para questões de realismo e coerência.

Ao final da atividade a professora solicitou que cada criança falasse sobre a experiência:

[...] Eu gostei de ser o lobo, ele é forte mas é bonzinho. (risos)

[...] Gostei quando Branca de Neve jogou água na madrasta.

[...] eu gostei de inventar outra história.

[...] A gente devia fazer um livro com o desenho da gente.

A transdução, segundo Fróes (2012), é um processo que envolve experiências sensoriais e afetivas, permitindo a geração de diversas formas de expressão, nas quais é possível (re)construir o conhecimento, incorporando-o como parte intrínseca da própria aprendizagem. Essa compreensão da transdução nos leva a considerar que a dramatização não é apenas uma atividade lúdica; é um recurso pedagógico que estimula a imaginação, a reflexão e o desenvolvimento cognitivo e emocional. Ao permitir que as crianças modifiquem os contos de fadas, estamos cultivando não apenas leitores, mas também criadores de histórias. E assim, em meio a risos, gestos e improvisações, elas constroem um mundo onde o impossível se torna possível, e o aprendido se torna significativo e envolvente.

Ficou combinado com a turma que vamos desenhar um livro de recontos. O nosso próximo projeto para esta turma.

CONCLUSÃO

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, basta para que se busque o sentido real da ludicidade que é o de tornar o ambiente da sala de aula num espaço espontâneo, divertido e prazeroso. Os momentos de ludicidade devem se constituir em atividades permanentes nas quais as crianças poderão estar em contato também com temas relacionados ao mundo social e natural, sendo assim, o processo de construção e produção de conhecimento não pode ser compreendido sem a mediação da linguagem. Essa linguagem permeia todas as nossas ações no mundo e está inserida em uma dimensão cultural que também abrange a sala de aula.

Então pode-se dizer que a imaginação têm uma função muito importante tanto no comportamento quanto no desenvolvimento da criança, pois

a criança pode imaginar o que não vê, e com isso pode experimentar e ter a sensação de converter suas emoções e medos no processo da brincadeira-aprendizagem, pois permite a ela compreender melhor a complexidade das relações sociais e do mundo real.

As atividades criaram um clima de entusiasmo de grande teor motivacional, gerando um estado de vibração e euforia. Ao assumirem as personagens na sua recontação as crianças puderam reelaborar o conhecimento vivenciado, construído coletivamente com o grupo ou individualmente. Pudemos ver o protagonismo de cada história em que cada criança se apresentava como sujeito ativo na construção de sua identidade, num processo de autoafirmação e de aprendizagem.

A transdução acontece quando a criança expressa o conto por meio da linguagem oral, dramatização ou desenhos. A narrativa sai do plano mental e ganha forma no mundo físico em que a história é transformada em ações, gestos e palavras. Ao compartilhar a história com outras crianças e com a professora, a criança amplia o alcance da narrativa, pois à medida que a história é recontada, cada etapa se conecta à seguinte. A criança adiciona detalhes, modifica personagens e explora diferentes cenários. Essa estruturação progressiva ocorre de lugar em lugar, à medida que a narrativa se desenvolve. A repetição e a variação consolidam a história e permite a criança experimentar emoções relacionadas aos personagens e eventos do conto, que se identifique com os heróis, vilões e situações, fazendo com que a narrativa se torne uma experiência pessoal e afetiva.

Portanto, é importante salientar que o aprendizado vai muito além do ensinar tradicional, deve buscar aguçar a curiosidade do aluno; O saber ensinar, é aprender a transpassar o seu conhecimento ao aluno criando caminhos para que o mesmo consiga absorver o aprendizado de uma forma leve, e que jamais será esquecido.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo; Scipione, 2006.

BELINTANE, C. Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização. **Educação e Pesquisa**, maio-agosto, v.32, n.02. São Paulo, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16.ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 66. ed. rev. São Paulo: Paz&Terra, 2020.

FRÓES BURNHAM.T. Análise cognitiva reconhecendo o antes irreconhecido. In: FRÓES BURNHAM, T e coletivo de autores. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento**. Salvador: EDUFBa, 2012. p.59-76.

HUIZINGA, Johan . **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: RJ: Vozes, 1993.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva. 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e Atividades lúdicas uma abordagem a partir da experiência interna**. Salvador: Disponível em <<http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>>. Acesso em: 25 de abr. 2024.

SANTOS, Luiz Carlos dos. DRAMATIZAÇÃO: uma possível técnica no processo ensino-aprendizagem. In: - **Revista Gestão Universitária**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://www.udemo.org.br/2013/Leituras/Leituras13_0054_DRAMATIZA%C3%87%C3%83O.html acesso em 21 de abril de 2024.

SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Cláudia M. R. Martins. São Paulo: Editora 34, 2020.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo:Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.

RIBEIRO, Magda Carina Dias. **Os Contos de Fadas e a Dimensão dos Valores – o bem e o mal e suas representações simbólicas**. PORTO, 2015. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/18162/1/TC2%20Milena.pdf>
Acesso em: 25 de abril de 2024.

***Regina Lúcia Portela** é Doutoranda do Programa Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA-UNEB-IFBA-UEFS-LNCC, SENAI-CIMATEC). Possui mestrado e graduação em Artes Cênicas e Pedagogia (UFBA). Pesquisadora nas áreas da Performance, Narrativas e Esquizodrama. Participa do Grupo de Pesquisa REDPECT - Rede de Pesquisa em Conhecimento e Tecnologia (UFBA). Consultora em Arte, Educação Continuada, Educação a Distância e Desenvolvimento Humano Holístico.

E-mail: reginaluciaportela2@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9918654429026757>

<https://orcid.org/0000-0002-0359-8277>

****Erika Silva Chaves** é Doutoranda do Programa Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA-UNEB-IFBA-UEFS-LNCC, SENAI-CIMATEC). Mestra em Educação Superior pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade pela UFBA. Especialização em andamento na Universidade Católica de Santa Catarina em Saúde e Práticas Integrativas. Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário da Bahia (FIB-2008). Experiência na área de Fisioterapia Dermato Funcional e Saúde da Mulher. Pesquisadora Bolsista Capes de 2018-2020, atualmente bolsista Fapesb 2021.

e-mail: erikachaves2003@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/6919722129852179>

<https://orcid.org/0000-0001-5196-270X>

*****Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira** é Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia na área de Teatro-Educação (2007), mestre em Artes

Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2002), graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal da Bahia (1998). Atualmente é Professora Associada 4, da Universidade Federal da Bahia, Coordenadora Geral e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC). É Professora Associada II da Universidade Federal da Bahia.

e-mail: uraniamai@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2781619787919218>

<https://orcid.org/0000-0003-1462-2233>

Recebido em 15 de maio de 2024
Aprovado em 21 de agosto de 2024